

O SURGIMENTO DO HOSPÍCIO NA LITERATURA BRASILEIRA

Célia Regina Delácio Fernandes*

RESUMO: Este artigo propõe-se a discutir o surgimento do hospício na literatura brasileira a partir do estudo da obra *O Alienista*, de Machado de Assis. Assim, investiga como os procedimentos narrativos utilizados pelo escritor desvendam os mecanismos do poder do discurso psiquiátrico como produtor de verdades. É a pluralidade de vozes que emerge do texto, bem como a ironia do narrador, que desarticula o “discurso competente” do alienista e a verdade que ele pretende revelar. Machado de Assis inverte os papéis, transformando o médico em paciente; mostra o hospício – a Casa Verde – não como local de tratamento e cura, mas de produção de um saber e de um poder sobre a loucura: campo de estudo e experimentações da medicina psiquiátrica.

Palavras-chave: hospício; poder; saber; loucura; Machado de Assis.

ABSTRACT: This article intends to discuss the appearance of madhouses in the Brazilian literature starting from the study of the book *O Alienista*, by Machado de Assis. This way, it investigates how the narrative procedures used by the writer unmask the mechanisms of the power of the psychiatric speech as a producer of truths. It is the plurality of voices that emerges from the text, as well as the narrator’s irony, that disarticulates the psychiatrist’s “competent speech” and the truth that he intends to reveal. Machado de Assis changes the roles, turning the doctor into a patient; and shows the madhouse – the Green House – not as a place for treatment and cure, but a place for production of knowledge and power about madness: the study field and experiments of the psychiatric medicine.

Keywords: madhouse; power; knowledge; madness; Machado de Assis.

O que é loucura? Qual é a relação entre o normal e o patológico? Quem determina as fronteiras?

Na literatura brasileira, o surgimento do saber psiquiátrico e a criação do hospício são tematizados com muito humor e ironia em *O Alienista*, de Machado de Assis (1839-1908). Esta obra foi publicada inicialmente entre outubro de 1881 e março de 1882 na revista *A Estação*, e incluída, em 1882, no volume *Papéis Avulsos*. Nesse momento, já havia sido instalado um manicômio - Hospício D. Pedro II - no Rio de Janeiro (1852), e nesta mesma cidade começava a funcionar a recém-criada cadeira de psiquiatria na Faculdade de Medicina (1881). Antenado com as questões de seu tempo, o autor denuncia os poderes ilimitados conferidos ao médico psiquiatra, prenunciando muitas das críticas que viriam a ser realizadas somente no século XX.

* Universidade Federal da Grande Dourados.

O protagonista da história é um médico que renunciou a todas as vantagens da metrópole para se instalar no povoado anônimo de Itaguaí, dedicando-se integralmente ao estudo e à prática da medicina. Simão Bacamarte aparece como símbolo da razão analítica, do cientificismo positivista que pensava estabelecer regras de comportamento comum a todas as personagens, de uma ciência que desconhece a afetividade e a poesia como caminhos de conhecimento.

A psiquiatria inexistia em Itaguaí antes da chegada do médico Bacamarte. A vila era um local tranquilo, os loucos mansos andavam às soltas pelas ruas e os perigosos eram trancados em casa por seus familiares. O médico constatou que a comunidade de Itaguaí não fazia caso de seus dementes. E seguro da ciência adquirida na Europa, decidiu “reformatar tão ruim costume”, propondo a construção de um hospício para abrigar e tratar os loucos de Itaguaí e de outras vilas e cidades.

Trata-se do começo de um desarranjo na vida dos habitantes de Itaguaí, em que os “excessos” devem desaparecer, a população deve ser diagnosticada dentro dos critérios de normalidade impostos pelo discurso do alienista. Caberá ao olhar clínico do médico decidir quem é louco e quem não é.

Revestido da autoridade científica, Simão Bacamarte obteve rapidamente adesão para sua ambiciosa proposta: a criação do asilo de alienados. A aprovação do asilo na cidade foi conseguida junto à Câmara dos vereadores com base na eloquência do discurso médico na defesa de sua proposta. Com exceção de um vereador, que achou absurdo colocar todos os loucos dentro da mesma casa, a municipalidade aceitou pagar o preço da diária para os pobres. E, como tudo já estava tributado em Itaguaí, a Câmara autorizou um imposto – pasme o leitor – sobre a emplumação dos cavalos nos coches mortuários.

A população não foi consultada sobre o assunto, recebeu a notícia com curiosidade e grande resistência: “A idéia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma sintoma de demência, e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico.” (MACHADO DE ASSIS, 1959, p. 256).

O narrador sugere constantemente que o alienista é o único alienado dessa história, mas não chega a afirmar esta idéia, apenas a insinua. Despista sua opinião, porém dá a entendê-la de maneira sutil na fala de outras personagens. O recurso do paradoxo alienista/alienado, além de produzir um efeito cômico no texto, questiona a autoridade da profissão médica e confirma a sabedoria popular.

No texto várias vozes entrecruzam-se, permitindo-nos focalizar as várias personagens que participam da história e seus pontos de vista sobre o asilo. O padre Lopes aconselhava D. Evarista a mandar seu marido espairar no Rio de Janeiro, pois “isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo”. O asilo só poderia ser uma “prisão privada”, diria um médico sem clínica. Todos comentavam o fato, mas ninguém ousava opor-se aos planos “científicos” do alienista.

O dialogismo presente na narração desmistifica a imagem idealizada do hospício construída pelo discurso médico. As designações do local de internamento como “prisão”, “Bastilha”, “terrível cárcere” indicam o caráter violento e arbitrário dessa

instituição. Elas são proferidas pelas personagens que, de alguma maneira, sofrem ou sofreram as conseqüências da ação terapêutica. O narrador torna visível que a verdade sobre o hospício é uma questão de ponto de vista.

Situado no centro da cidade, o hospício assinala o progresso e a civilização que chegam a Itaguaí. A Casa Verde, como o hospício é chamado, é a primeira peça de um mecanismo de poder conferido ao psiquiatra para que ele execute seus planos, que vão atingir toda a população. A partir daí, altera-se a posição das personagens no espaço na narrativa: um estabelecimento imenso aloja todos aqueles que apresentam um desvio em suas condutas. A visibilidade do poder do alienista está no prédio imponente do hospício. Ao descrever a Casa Verde, o narrador denomina ironicamente os futuros reclusos de *hóspedes*: “Era na Rua Nova, a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo, tinha cinqüenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes.” (MACHADO DE ASSIS, 1959, p. 256-257).

Com o asilo o médico poderia concentrar e alargar seu campo de estudo e de experimentações. A argumetação do Dr. Bacamarte para a criação do asilo coincide com a dos alienistas do século XIX, que estava vinculada ao projeto de normatização da medicina social implantado no Brasil oitocentista, visando uma população higienizada, saudável e produtiva (MACHADO, 1978, p. 378-422). Segundo Jurandir Freire (1989), essa medicina política queria transformar a massa confusa, guiada pelos instintos, em cidadãos civilizados, homens que cumpriam seus deveres. Quando o comportamento desajustado surgia, a doença mental existia, e precisava ser curada.

A vitória do saber médico está materializada no hospício, que permitirá ao psiquiatra agir em seu espaço terapêutico, destinado somente a uma doença específica: a loucura. O hospício é uma instituição concebida medicamente dentro do projeto psiquiátrico nascente.

É possível encontrar uma correspondência entre a “apoteose da personagem médica” do contexto histórico social (FOUCAULT, 1978, p. 496-503) e a narrativa machadiana: o respeito e a admiração, em um primeiro momento, da comunidade itaguaiense pelo médico, e depois o medo devido a instauração do terror psiquiátrico. E também entre as idéias e as práticas médicas de Bacamarte e a transformação do saber médico no século XIX. Em Itaguaí, vislumbramos o surgimento do hospício – a Casa Verde – não como local de tratamento e cura, mas de produção de um saber sobre a loucura.

A inauguração do asilo foi feita “com imensa pompa”. Foram sete dias de cerimônias para festejar a novidade de utilidade pública. Logo após a inauguração do asilo, era incessante o fluxo de loucos ao hospício. O espetáculo da irracionalidade sai das próprias entranhas da racionalidade científica. A “torrente de loucos” causa-nos uma vertigem que só será interrompida pela reflexão do vigário:

(...) De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaniacos, era toda a família dos deserdados do espírito. Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se a-

resguardou-se nos exemplos célebres da história: Sócrates, Pascal, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula etc. O boticário achou a idéia extravagante, mas sem coragem de dizê-lo ao médico, declarou-a “sublime e verdadeira”, mais ainda, entusiasmou-se, ensinuando ao alienista que era “caso de matraca” – meio oral para divulgação de uma notícia no período colonial. No entanto, o cientista preferiu primeiro executar sua idéia e, depois anunciá-la.

Ao reformular a concepção de loucura aumentando o seu território – de “ilha” passa a ser um “continente” –, Bacamarte modifica sua visibilidade: antes qualquer um podia identificá-la, agora somente o saber “competente” do especialista pode reconhecê-la. A consequência desta concepção de loucura, como invisível aos olhos dos leigos, é que cabe agora ao alienista detectar o louco, aparentemente normal, misturado à população.

A mudança da visibilidade da loucura no século XIX parece estar associada à necessidade de afirmação do médico psiquiatra que queria para si o domínio e o tratamento dos “doentes mentais”. Antes, a loucura, para o senso comum, tinha uma visibilidade concreta, estava ligada a todas as formas de violência, de agressividade e ao delírio. A partir da teoria da “monomania” de Esquirol, a loucura amplia seu campo: deixa de concernir somente à atividade intelectual e ao delírio e passa a fazer parte da esfera do comportamento moral e do ajustamento social. É a idéia de desvio. A percepção social da loucura modifica-se com a inauguração deste saber médico *sobre* a loucura. O senso comum não consegue mais perceber a loucura; somente ao olhar do alienista esta se torna visível, só ele pode revelá-la por meio de sua competência científica para lidar com a alienação. Nesse sentido, a historiadora Maria Clementina mostra que o alienismo inaugura uma nova loucura, invisível para o leigo e visível para o especialista:

O parentesco entre loucura e crime, presente desde meados do século em concepções como a “monomania” de Esquirol ou a “loucura moral” de Pritchard, constituiu um aporte básico para a expansão do alienismo para além dos muros do hospício, ao dissociar loucura e razão e abrindo a possibilidade teórica de uma loucura sem delírio, remetida exclusivamente à esfera dos comportamentos. A ampliação do conceito de loucura, iniciada aí, torna a psiquiatria um dispositivo mais eficaz e refinado: de “furiosa”, a loucura torna-se insidiosa, gruda-se à própria pele do indivíduo; torna-se, ademais, invisível – exceto para o olhar do especialista, que vê reforçada sua competência – e uma ameaça infinitamente maior a ser enfrentada, corporificada nas figuras ameaçadoras dos vadios, dos jogadores, das prostitutas e seus cafetões, dos ladrões, dos assassinos, de todos os tipos de “desordeiros” contidos na população urbana. (CUNHA, 1986, p. 24-25).

O olhar bacamartiano classifica os loucos baseado no seu modelo de equilíbrio da saúde psíquica que, conforme vimos, encontra correspondência no da escola francesa. A palavra “monomania”, presente no texto, encontra na loucura a prevalência da

paixão sobre a razão. Com isso, o delírio perde importância. É por meio de um prévio estabelecimento do que seja excesso e do que seja a da norma que Bacamarte distingue a conduta normal da patológica. Como exemplo, podemos citar os dois “loucos por amor” sem o delírio.

A finalidade de Simão Bacamarte é demarcar as fronteiras entre a loucura e a normalidade. Ele fala de seu empreendimento por meio de metáforas:

Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e, só insânia. (MACHADO DE ASSIS, 1959, p. 263).

O conceito da razão é reduzido a um enunciado, que depois vira norma. Ao pronunciar uma teoria sobre a normalidade humana, a personagem constrói um modelo universal de equilíbrio da saúde psíquica, onde as pessoas são tratadas como abstrações. Segundo sua teoria, que ele pretende imutável, “a razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades”. Tudo o que não se enquadra na racionalidade científica é considerado loucura, a complexidade humana é reduzida a um recorte, o que está fora deste recorte é marginal.

A utopia do alienista é a erradicação total da desrazão. Impregnado de concepções positivistas, ele acredita em leis científicas que movem o comportamento humano:

Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?. (MACHADO DE ASSIS, 1959, p. 263).

Bacamarte confiou a nova teoria ao padre Lopes, autoridade local importante, para obter apoio. Este não conseguiu entendê-la e achou-a absurda e colossal, não merecendo, em sua opinião, princípio de execução. Por fim, o representante da teologia, desorientado, acabou por apertar a mão estendida pela ciência:

A ciência contentou-se em estender a mão à teologia, com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução. (MACHADO DE ASSIS, 1959, p. 263).

A nova teoria será experimentada em Itaguaí. Caso seja confirmada, sua eficácia será divulgada por toda parte e alcançará a universalidade de uma lei geral. A união da ciência e da teologia, ou melhor, a submissão desta última, pode ser interpretada como uma vitória total do saber científico que impõe novos padrões de conduta à população.

O anti-psiquiatra Dr. Thomaz Szasz (1978; 1979) afirma que, na passagem da Idade Teológica para a Idade da Razão, a concepção científica substituiu a concepção teológica do mundo e o ser humano transferiu sua adoração de Deus para a ciência. A felicidade consistiria em gozar boa saúde e a infelicidade em estar “mentalmente

doente”. Segundo Szasz, a “doença mental” é algo que não existe, pois a enfermidade só pode afetar o corpo. Faz a crítica da “doença mental” como sendo a criação de um mito culturalmente compartilhado. Os psiquiatras não lidam com “doenças mentais”, mas com problemas éticos, sociais e pessoais que não podem ser tratados através da hospitalização e medicamentos.

O psiquiatra transforma-se no sacerdote do espírito. É ele que promete a alegria do espírito por meio dos mandamentos do comportamento sadio. O saber religioso, que antes decidia as regras de conduta, cede lugar ao saber científico, que agora prescreve as regras de higiene mental:

Nossa época é dominada pelo mito do saber científico. A este saber é pedido, entre outras coisas, que ele estructure os valores que coordenam e harmonizam a hierarquia social. Coube à Medicina – como parte deste saber – a tarefa de definir o que é *bom* ou *mau* para os indivíduos. Este trabalho, anteriormente exercido pelo saber religioso, é o que orienta os indivíduos na busca de bem-estar. A cultura urbana passou de religiosa a agnóstica. O espaço de representações do *bem* e do *mal* transformou-se. A máquina publicitária promete aos indivíduos uma felicidade epidérmica, tátil; felicidade do corpo sadio, do espírito livre. A felicidade, na cultura agnóstica e hedonista, pode ser obtida na terra. O maniqueísmo religioso subsiste apenas como forma marginal de representação do bem e do mal. (COSTA, 1989, p. 63).

É a crença no progresso da ciência, como escape do trágico, que alimenta o sonho fracassado do alienista: a ciência que salva. A medicina é vista como panacéia universal. O alienista é aquele que pretende alterar nossa condição humana, operando uma separação entre mentes loucas e sadias.

Assim, segundo seu critério de normalidade, o alienista começou a recolher as pessoas consideradas “doentes mentais”, conduzindo-as à Casa Verde. Os primeiros casos de internamento apresentavam um desvio visível de comportamento em relação aos outros: Falcão, rapaz que se supunha estrela d’alva; um homem ciumento, que matou a mulher e o amante com os maiores requintes de crueldade, e só pensava em ir ao fim do mundo atrás dos fugitivos; o filho de um algibebe, que narrava às paredes toda sua genealogia; um escrivão, que se vendia por mordomo do rei; um boiadeiro de Minas, cuja mania era distribuir boiadas a todo mundo; um sujeito que se chamava João de Deus, e achava que era o deus João; o Garcia, que acreditava ter recebido grande poder de Deus, e por isso não conversava com ninguém.

A atitude das outras pessoas, que depois foram recolhidas à Casa Verde, nada mostrava de contrário às regras; apenas alguma característica individual as diferenciava do geral.

No enredo existe um movimento circular das pessoas entrando e saindo dos cubículos da Casa Verde. A idéia de separação razão-loucura desemboca na idéia de equivalência: “– Preso por ter cão, preso por não ter cão!”, disse o barbeiro Porfirio. O

narrador mostra o poder como manipulação. Tudo é enquadrável no cubículo, dependendo de quem faz a separação e quando:

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafalaria, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural, e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. (...). (MACHADO DE ASSIS, 1959, p. 279).

Depois, ao constatar que quase toda a população estava internada no hospício, o alienista resolveu rever sua teoria, pois a norma está sempre do lado da maioria. Apoiado nas estatísticas, concluiu que a teoria verdadeira era a oposta: o desequilíbrio das faculdades era a norma, e o equilíbrio perfeito e absoluto o anormal. Saiu na captura da minoria:

Ao cabo de cinco meses estavam alojadas umas dezoito pessoas; mas Simão Bacamarte não afrouxava; ia de rua em rua, de casa em casa, espreitando, interrogando, estudando; e quando colhia um enfermo, levava-o com a mesma alegria com que outrora os arrebanhava às dúzias. Essa mesma desproporção confirmava a teoria nova; achara-se enfim a verdadeira patologia cerebral. (...). (MACHADO DE ASSIS, 1959, p. 283).

Ao relativizar as certezas criadas pelo discurso médico, o narrador deixa entrever que a posição ocupada pelas personagens na narração (loucas x normais) depende do ponto de vista do médico sobre o que é a loucura e o que é a normalidade. Ao simbolizar o alienismo como metáfora do poder, gera no leitor uma desconfiança com relação aos discursos produzidos pelo saber científico, que passa de inquestionável a questionável.

Segundo Alfredo Bosi, o critério de normalidade não muda, ele é sempre o mesmo, revela a necessidade de separar do convívio público os que se diferenciam da norma instituída, da aparência dominante:

(...) O normal seria algo de homogêneo repetido ao infinito. O normal é a forma pura da aparência pública, a forma formada, a forma alheia a qualquer movimento interior. O "institucional" sem surpresas, esta é a essência da razão que se impõe como critério de sanidade na cabeça do alienista. (...). (BOSI, 1982, p. 443).

O sanatório seria o leito de Procusto onde os pacientes seriam moldados para adequar-se à norma oficial, à “forma pura da aparência pública”. Trata-se de um apaziguamento social. Elimina-se a diferença e a insegurança que ela provoca. O normal é o enunciado pelo discurso médico. É a conduta previsível, porque o imprevisível representa perigo para a ordem burguesa. Para que não haja riscos, torna-se necessário normalizar a sociedade:

A palavra latina *norma*, que está na origem do termo normal, significa “esquadro”. A palavra *normalis* quer dizer “aquilo que não se inclina nem para a direita nem para a esquerda”, ou seja, que é “perpendicular”, que “se mantém num justo meio termo”. Portanto, “uma norma, uma regra, é aquilo que serve para retificar, pôr de pé, endireitar”. Nesse sentido, normalizar é impor uma exigência a uma existência que possui um caráter diversificado, irregular. Essa diversidade vai se apresentar em relação à exigência como um elemento de resistência e indeterminação. Porém, é preciso notar que uma norma, uma regra, se propõe como um modo possível de eliminar uma diferença. E ao se propor desse modo a própria norma cria a possibilidade da sua negação lógica. (PEREIRA, 1985, p. 20-21).

Por fim, não conseguindo alcançar seu objetivo, Simão Bacamarte encontrou em si mesmo as características do perfeito equilíbrio mental e moral. A lógica violenta da norma se voltou contra seu inventor. Para testar a eficácia de suas hipóteses sobre a normalidade, Bacamarte transformou os homens em cobaias, mas acabou também tornando-se vítima de seu próprio experimento.

A idéia mais ampla que permeia a narrativa *O Alienista* parece ser a impossibilidade de uma norma geral para o comportamento humano, e por isso o autor questiona a confiança dos homens na razão científica. Machado de Assis compreende a complexidade do homem, o racional e o irracional inerentes à condição humana. Querer entender o homem somente como um ser racional, como pretendeu a ciência positivista e a racionalidade burguesa, é cair em seu oposto. Nos homens convivem todas essas coisas juntas, a arrogância da razão contra a desrazão levou a seu contrário. É o que estamos constatando diante de um mundo em que as forças irracionais irrompem contra a violência da razão. Nas palavras de Afrânio Coutinho:

A lição de *O Alienista* é de que a vida não é logicismo absoluto, não cabe em fórmulas geométricas, e que há nela uma imensa zona de ilogismo, embora não seja ainda a loucura, como pensava Simão Bacamarte. No *Alienista*, Machado mostra o suicídio da razão pura, desse racionalismo que desconhece o papel do irracional, do afetivo, do instintivo, do mundo da vontade e da paixão, racionalismo funesto à razão, pois querendo limitar a ela toda a origem do conhecimento, para negar o suprarracional, não teve forças para conter a irrupção do infrarracional, a que hoje assistimos, sob os mais variados aspectos, desde o político até o artístico. (...). (COUTINHO, 1940, p. 56).

Já se passou pouco mais de um século desde que Machado escreveu *O Alienista*, e o saber médico ainda hoje não conseguiu resposta para a loucura. O mundo contemporâneo parece não entender a loucura como parte da própria constituição humana e tenta decretar o seu silêncio por meio da introdução violenta de medicamentos. Os adeptos da psiquiatria organicista acreditam que se possam explicar os estados psíquicos através da química do cérebro, que com o desenvolvimento da bioquímica e da genética molecular descobrir-se-á a química da loucura. Machado deve estar a rir deles...

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. A máscara e a fenda. In: _____. (Org.). *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.
- COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1940.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O alienista. In: _____. *Papéis avulsos*. Obras Completas. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v. 2.
- PEREIRA, João Frayze. *O que é loucura*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.
- SZASZ, Thomas S. *A fabricação da loucura*. 2. ed. Trad. Dante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *O mito da doença mental: fundamentos de uma teoria da conduta pessoal*. Trad. Irley Franco e Carlos Roberto Oliveira, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.